

EDIÇÃO ESPECIAL

TEXTOS ESCOLHIDOS



MARIA OLÍMPIA ALVES DE MELO

HELENA FRENZEL ED.

CRÉDITOS

Edição Especial, Textos Escolhidos, Maria Olímpia Alves de Melo, 1a. Edição, Helena Frenzel Ed., agosto de 2013.

Copyright © 2013 Todos os direitos sobre os textos aqui reproduzidos estão reservados à autora: *Maria Olímpia Alves de Melo*, Lavras, MG, Brasil (www.recantodasletras.com.br/autores/marilim).

Edição e imagem: *Helena Frenzel*.

Copyright © 2013 Todos os direitos sobre esta edição eletrônica estão reservados à editora: *Helena Frenzel*, St Ingbert, Alemanha (helenafrenzel@gmail.com).

Todos os textos usados com permissão da autora. Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso não comercial - Vedada a criação de obras derivadas 2.5 Brasil, desde que na íntegra e com o devido crédito de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: quintextos.blogspot.com

SUMÁRIO

CRÉDITOS (i)
SOBRE ESTE VOLUME (iii)
NOTA DA EDITORA (iv)
QUEM SOU (vii)
O DIA EM QUE ELIS REGINA MORREU (8)
A OUTRA (10)
DUAS CARTAS (13)
A FLOR ROXA (17)
TESÃO (18)

SOBRE ESTE VOLUME

Edição Especial
Textos Escolhidos

Textos de *Maria Olímpia Alves de Melo*

Edição: *Helena Frenzel*

Agosto de 2013

Esta publicação é parte do site Quintextos
(quintextos.blogspot.com)

Venda proibida

NOTA DA EDITORA

Um dos primeiros comentários que recebi de **Maria Olímpia** lá no Recanto das Letras foi para um texto contendo impressões sobre o livro *História de Mujeres*, quando descobri que tínhamos Rosa Montero como mais um gosto literário em comum. O comentário data de 1º de abril de 2009 e, contrariando a data, dedicada em muitos países ao *dia da mentira*, começou a ganhar corpo ali uma troca fiel, embora esporádica, de verdadeiras leituras e interações literárias.

Não é recente minha admiração pela autora. Desde o primeiro texto seu lido, a sinceridade, ou pelo menos a busca em transmitir o próprio pensamento, foi o que mais me atraiu em seu estilo, também a humildade. E como me senti feliz naquele 1º de abril por ter tido a honra de sua atenção. Primeiro descobri a escritora, filha admiradora de um valoroso pai, depois a filósofa, a professora dona de padaria e, por último, o ser humano de carne, ossos e sentimentos em busca de autoconhecimento como qualquer um de nós.

Editar textos alheios em EBooks não foi algo planejado, vem acontecendo em minha vida naturalmente como consequência do trabalho de estar montando, para uso pessoal primeiro, uma biblioteca virtual. Fui-me deixando envolver por este trabalho porque muito me agrada e é um *hobby* produtivo, sem falar na oportunidade que tenho tido de chegar-me ao pensamento de vários autores contemporâneos, pessoas comuns que escrevem livremente e publicam na rede textos de grande valor.

A melhor forma de homenagear um escritor, a meu ver, é chamar a atenção para sua obra, e pensando nisto pedi à Merô que me enviasse alguns de seus textos para esta publicação. Solicitei quinze e ela só pôde enviar os cinco que aqui vão — *os mais (pouco) lidos*, como ela mesma os classificou, nos trazem um pouco de drama, suspense, otimismo, ironia e bom humor. Naturalmente recomendo muitíssimo ir à fonte, pois só em sua escrivaninha no Recanto das

Letras há mais de mil textos disponíveis para leitura e apreciação. O que se segue é apenas um aperitivo, não deixe de provar outros pratos principais. Boa leitura e *bon appetit!*

Helena Frenzel, St Ingbert, Alemanha, 25 de julho de 2013.

Além do site Recanto das Letras, **Maria Olímpia Alves de Melo** tem participações nas antologias *Gandavos I, II e III* (gandavos.blogspot.com), *15 Contos+ Volume I* (quinzecontosmais.blogspot.com), no blog *Sem Vergonha de Contar* e outros sites na internet. E estando esta nota *em um bom tamanho*, fecho com algumas considerações da autora sobre seus objetivos ao escrever:

De Bom Tamanho

Não busco experimentações ao escrever. Quando muito me adapto a experimentações alheias. Não quero criar nada novo, inventar. Quero escrever com palavras que todos entendam, mesmo que esse entendimento seja diferente do meu. Escrever e ler são experiências diferentes. É assim que entendo a arte literária — escrevo como compreendo e sinto, quem lê compreende e sente de acordo com sua própria configuração. O que leio e entendo também pode não ser exatamente como o autor pensou ao escrever. O que leio é só meu, o autor sendo apenas uma ponte que concorre para a minha transformação individual, alicerçada nos prazeres éticos e estéticos, base para toda a evolução.

Por que estou escrevendo isto?

Li na Revista *Metáfora/13-2012* o artigo de Braulio Tavares, *Escritas Torrenciais*. Ele não escreveu exatamente sobre isto que estou escrevendo. Ele escreveu sobre o questionamento da literatura de vanguarda (ou experimental) ao fazer literário. E eu comecei a pensar no meu fazer literário, a questioná-lo. Para que escrevo? Para quem? Qual a razão que me leva necessariamente a escrever, escrever e escrever como se disso dependesse minha vida? Como escrevo? Priorizo o enredo ou o estilo? Terei eu após anos de labuta *escrevinhatória* adquirido um estilo próprio que torne a minha escrita

reconhecida por aqueles que estão acostumados a lê-la? São perguntas para as quais não tenho respostas claras.

O que busco na vida? Isso acho que sei — busco na vida ser melhor do que sou a cada momento. Ser melhor do que sou não significa ser boazinha, significa evoluir de encontro ao indivíduo que realmente sou, um ser único como todos os seres criados. Ler e escrever são instrumentos que uso para isso. Ao ler absorvo experiências alheias de acordo com minhas próprias experiências. Ao escrever, depuro minha experiências. Assumo-as. E se de quebra eu puder ajudar com minha escrita alguém a se encontrar já está de bom tamanho.

Maria Olímpia Alves de Melo, 20 de outubro de 2012.

QUEM SOU



Meu nome é **Maria Olímpia Alves de Melo**. Meu apelido é Merô. Sou uma escritora. Não por profissão, por amor, necessidade. Escrevo porque gosto. E sei. Escrevo livros, escrevo em livros, rabisco papéis. Estou sempre escrevendo, de uma forma ou outra. Escrevo poemas, escrevo crônicas, contos. Romances. Até receitas. Também sou cozinheira. Cozinheira de domingos, quando escrevo as *Cartas de Minha Cozinha*. Já estou em uma idade onde posso até escrever minhas memórias. Roubei de Mia Couto a inspiração para o título: *Um rio no fundo da casa, uma casa na frente do rio*. Nasci em Arantina, Minas Gerais, onde fica a casa e o rio. Rio? Riacho? Para mim, maior que o Amazonas. Tão grande quanto a vida. A minha.

O DIA EM QUE ELIS REGINA MORREU

Foi no dia em que Elis Regina morreu. Ela ficou muito injuriada. Não podia compreender, no verde de seus anos, como uma pessoa que tudo tem, tudo joga fora. Idiota, pensava. Teve raiva, muita raiva. Não achou graça no resto do dia embora estivesse de férias, na praia. Quantas eram? Não se lembra, eram muitas, todas jovens, esperançosas. Casa alugada em Rio das Ostras, só mulheres. Bem, o caso é que duas delas começaram a brigar. Briga feia, com impropérios de parte a parte. O grupo acabou se dividindo, para impedir que coisa pior acontecesse. Cada grupo tomava conta de uma das brigonas. Havia ameaças, uma dizia que acabaria com a raça da outra. À noite, escondiam as facas debaixo dos travesseiros: a ruiva disse que mataria a loura. Arrastava-se uma cama para perto da porta de cada quarto, impedindo a entrada ou a saída. Na noite desse dia, o dia em que Elis morreu, eles estavam próximos, os dois grupos. Então ela disse a quem estava com ela. Vamos embora antes que a confusão comece. Caminharam à beira mar no deserto escuro da noite. Caladas, não havia o que falar. Foi então que eles vieram. Os demônios. Um bando, cavalgando suas motos enlouquecidas. E começaram a persegui-las. Foram se achegando barulhentemente e forçando-as para o lado do mar. Cada vez mais. Aí, se afastavam. Pareciam que iam embora, elas se recompunham e eles voltavam. Não havia para onde fugir. Não havia como voltar. De um lado o mar, ondas bravias naquele dia. De outro, casas fechadas, ouvidos surdos. Portões fechados. Bem que tentaram, esmurraram portas e portões, se arranharam em muros rústicos. E eles iam e vinham. E elas gritavam e choravam. Chamavam pelas mães e pelos santos. Até que São Jorge apareceu para enfrentar os dragões. Uma porta se abriu e uma mulher solitária e corajosa disse: entrem, entrem. E elas ficaram ali, por muito tempo, o rádio ligado, a morta cantando. São Jorge ouvindo passos conhecidos e abrindo uma fresta da janela pediu ajuda. E elas foram escoltadas até ao romântico bangalô

por gente do lugar. Passaram a noite sem dormir. No outro dia parte delas desistiu das férias e foi embora. E ela nunca mais pode ouvir Elis cantar sem se lembrar. Daquele dia. Daquela noite em que foi perseguida por um bando de demônios montados em dragões de duas rodas.

A OUTRA

O fato ocorreu há muito tempo, eu ainda era um homem relativamente jovem, disse o velho. Por isso acho que agora posso contar, não vai mais fazer mal a ninguém. Nem a mim. Usarei nomes falsos para que você não os reconheça, pois ainda vivem. Dois deles. E eu. Porque uma morreu. Esta é uma história de morte.

O velho estava assentado em uma cadeira de balanço, na varanda de uma casa de repouso. Ao seu lado o jovem ouvia atentamente. Gostava de ouvir as histórias do tio avô e vinha vê-lo ocasionalmente. O jovem era escritor e tinha sensibilidade suficiente para saber que as histórias contadas pelo velho valiam ouro.

Elas eram gêmeas, idênticas na aparência. Mas na essência, Deus que nos livrasse de cair nas garras de uma delas. Pérfida. Egoísta. Maliciosa. Abusada. Seus nomes? Lilith e Eva. Vejo que reconheceu os nomes e aposto como já decidiu quem era a boa e quem era a má. Mas está errado. A boa era Lilith. Verdadeira. A malévola, Eva. O homem? Um jovem chamado Adam, assim o velho continua sua história após uma pausa para tomar fôlego e fixar as lembranças que as vezes se misturavam.

A tarde já ia longe e os primeiros sinais do poente surgiam no céu. O jovem riu internamente conforme seus olhos mostravam, dos nomes escolhidos pelo Velho que percebeu, mas não se importou. Continuou com palavras espaçadas a contar sua história e às vezes parava para conter sua emoção. O jovem esperava pacientemente, sem nenhum apressamento. Adaptava seu tempo ao tempo do contador.

Quando Adam apareceu na cidade todas as mulheres ainda solteiras suspiraram e começaram a sonhar. Mas, desde o começo ele só teve olhos para Lilith. Isso enlouqueceu Eva que começou a dar em cima do rapaz acintosamente.

E o que era mais estranho é que ele conseguia identificá-las e não caía nos estratégias de Eva. Ele sempre a desmoralizava. Ah, você deve estar se perguntando como eu sabia disso. Não, não era ele quem me contava. Sempre foi uma pessoa discreta. Era ela. Nós éramos amantes. Fez uma pausa para que o jovem absorvesse o espanto esperando talvez alguma pergunta. Mas o espanto do jovem foi tanto que continuou calado embora arregalasse os olhos. Então o Velho continuou. Olhando para o vazio, sem fixar nos olhos fixos do jovem. — E ela fazia questão que eu soubesse de tudo. Tudo. Jurava vingança. E eu também passei a ser absorvido por esse mal: a vingança. Só que eu planejava me vingar dela. Só não sabia como. Ela fazia de mim gato e sapato.

Ela planejou tudo. Era uma excelente costureira. Fazia roupas lindas para si mesma e para a irmã. Nunca roupas iguais, as suas eram sempre mais bonitas. E assim foi: ela fez um vestido especial para si mesma. Para a festa da padroeira. Foi à missa com ele. Andou pela pracinha. Todo mundo viu e comentou sobre a beleza da roupa. Alguns dias depois ela me disse: Dei o meu vestido novo para Lilith. E foi quem eu vi passar aquela manhã. Lilith, com o vestido novo, que ganhou da irmã. Ia em direção da estação ferroviária, um pouco retirada do centro do povoado. A casa em que eu morava também ficava retirada e quando ela passou por mim, conversou comigo. Um cumprimento breve, uma informação: ia se encontrar com Adam na cidade vizinha, comprar as alianças para o noivado. Perguntou se eu já sabia e eu disse que sim. Tinha sido convidado para a cerimônia do pedido. Talvez fosse eu a fazê-lo. Pouco depois Eva passou. Estranhei. Vestia uma roupa de Lilith. E me disse claramente, apenas movendo os lábios, quando passou junto a onde eu estava, podando as árvores da entrada da igreja. Silabicamente. VOCÊ NÃO ME VIU. E eu não a vi. Não vi ninguém passar, só Eva, foi o que eu disse à polícia quando veio me interrogar. Só Eva. Foi quando eu soube que Eva tinha morrido, uma pedrada na cabeça. Naquele tempo não havia exames que pudessem determinar se Eva era Eva mesmo. Mas todos disseram que sim. Os pais, os amigos, a própria Eva travestida de Lilith. E eu. Por que? Se eu contasse que a sobrevivente era Eva e que ela matara a irmã, para que acreditassem eu teria que contar como eu sabia. E como eu, um sacerdote de Deus ainda relativamente jovem poderia condenar a mulher que trazia meu filho

no ventre a passar o resto de sua vida na cadeia? Como eu poderia também suportar um escândalo, desonrar publicamente a Fé que eu escolhera? Não, eu me calei. Deixei que os dois se casassem e fossem infelizes para sempre. Ele sempre teve certeza, mas também não podia fazer nada. Não tinha como desmenti-la e sabia que a namorada estava grávida. Tentou acreditar para não morrer de dor. Mas me fez essas confidências, fora do confessionário. Por isso eu conto. E eu tentava convencê-lo de que estava tudo certo. Que a mulher com quem se casara era Lilith. O castigo dela? Não teve o amor do homem que amava e para não se trair teve que se transformar realmente na outra. Vestiu pele de cordeiro. Mudou seu comportamento. Fez tudo para ser amada. A minha vingança? A minha vingança está acontecendo agora, meu neto. E, com um ronco suave, fechou os olhos e partiu.

DUAS CARTAS

Foram duas as cartas que mudaram a vida dela, *disse minha amiga. Vínhamos de Olinda, nós duas sozinhas, quando ela me contou essa história. Já era noite e havia estrelas no céu e estrelas que se moviam em nossa direção, na pista contrária.*

Não me lembro mais o nome da amiga de minha amiga. Mas sua história é inesquecível. Talvez nem fosse tão inesquecível se não fosse pelas duas cartas. Seria uma história triste, mas comum como são a maioria das histórias tristes. E se a história foi triste nem posso dizer que sua vida foi triste. Teve bons momentos, durante muito tempo foi feliz. Amou e foi amada o que é mais que muita gente pode desejar. Não sei se escreveu livros nem se plantou árvores. Mas teve filhos. Teve uma vida. Poderia ter morrido feliz se fosse apenas a primeira carta. Mas não morreu, por causa da segunda.

Da sua primeira infância, não tinha muitas lembranças. Mas como era amada, deve ter sido bem feliz. Foi amada pela mãe, foi amada pela madrinha que um dia ocupou o lugar da mãe. Mas a madrinha recebeu uma missão da mãe. Ser portadora de uma carta ao pai da criança, que não sabia que era o pai da criança. Não se sabe se o pai gostou da notícia ou não. O que se sabe é que ele aceitou a paternidade com todas as suas responsabilidades. E quando a madrinha também se foi o pai buscou a criança para sua companhia. Mas o pai era casado e aí entra na história a madrasta má. Que a menina nem desconfiava que fosse a madrasta. Pensava ser a mãe, pois tinham lhe esquecido de contar sobre a mãe que a carregara na barriga. E sobre a madrinha que a embalara ainda bem pequenina. A menina não desconfiava que a madrasta fosse madrasta, mas sabia que era má. E não podia compreender porque a mãe era má com ela. Minha amiga não entrou nesses detalhes, mas eu os imagino. Uma adolescente perdida. As brigas se sucediam. Não sei se havia

violência, mas sei que havia muita dor. Em um dia de dor maior, a menina ouviu a serviçal da casa resmungar: se fosse filha dela de verdade não faria isso. A menina ouviu, estupefata. A serviçal tentou engolir as palavras, mas já era tarde. Palavras acompanhadas de som que saem da boca, não voltam mais. E se entram em ouvidos curiosos, é preciso repeti-las. Não houve desculpas que acalmassem a menina. Sem outro jeito a serviçal achou que era hora de contar tudo mesmo correndo o risco de perder o emprego. Dizer tudo que ela sabia de ouvir dizer. E de ler a carta escondida entre as roupas do pai, que era ela quem cuidava. E que lera porque não podia resistir ao segredo que uma carta escondida entre as roupas trazia. A menina não se conformou só com as palavras da serviçal. Também quis ler a carta. Por incrível que pareça foi um peso que tirou do coração. É compreensível que uma madrasta não goste da enteada, mas que uma mãe não goste de sua filha é muito doloroso, pensava ela. Mas a mãe a amava. E o pai também, de seu jeito omissivo, mas a amava. Prefiro acreditar que foi ela que quis ir embora dali, saindo de perto da madrasta má. Mas pode ter sido a madrasta que exigiu que ela fosse embora. Seja como for o pai fez a vontade das duas: as separou. A amiga de minha amiga foi para o Colégio Interno e ali ficou até se formar com apenas algumas visitas ocasionais em datas especiais. Quando se formou o pai orgulhoso estava presente. Deu-lhe um abraço emocionado, um anel para por no dedo e ajudou-a a arrumar um emprego. Ela foi viver a sua vida e vivendo sua vida se apaixonou. Casou-se com o Zezinho, ou seja, lá qual for o seu nome e novamente com a ajuda do pai que há muito enricara, montaram um negócio próprio. E a vida foi seguindo, os filhos nascendo, o negócio crescendo e a família enricando. O marido fazia todas as vontades dela e a vida era um luxo. Eram consumistas, todos eles. Para si e para os outros. Um dia ela desapareceu, todos desapareceram, disse minha amiga. Ela não sabia por quê. Telefonava para um telefone mudo, procurou-a em uma casa ocupada por outros, o negócio da família evaporara. Só algum tempo depois foi procurada por ela que lhe contou o segredo. Mas não estava triste, continuava apaixonada pelo Zezinho e a família continuava junta. Só tinham ficado pobres, tão pobres que tiveram que fugir na calada da noite. E quando a amiga disse que ter ficado pobre não é motivo para fugir ela

completou: Mas quando a polícia está atrás de você, sim. A vida de ganância tinha provocado falcatruas. Fugiram praticamente com a roupa do corpo. Foram para outro Estado, uma cidade do interior. O pai novamente os ajudara, montaram um negócio, sei lá qual foi, talvez uma vendinha, um botequim. Mas tudo continuava bem e ela se habituou àquela vida de pobreza e trabalho como se habituara a outras situações . Ela tinha o amor de sua vida junto dela e quando falava dele seus olhos brilhavam.

Algum tempo se passou, os contatos passaram a ser por telefone e só esporádicos. Minha amiga soube que Zezinho estava doente e depois que morrera. Sabendo do grande amor que os unia e da tristeza que a amiga estaria e sabendo também que a amiga não tinha condições de viajar convidou-a para vir a sua casa, pagando-lhe todas as despesas. Mais que rápido ela veio. Os olhos já não tinham brilho, os lábios não sorriam e mesmo a conversa entre as duas não fluía. Até que um dia a amiga falou: as coisas mais importantes de minha vida foram duas cartas escondidas entre as roupas de um homem. E então contou a história da segunda carta que da primeira minha amiga já sabia.

Era boa nossa vida lá. Havia pobreza, mas também havia amor. Trabalhávamos juntos, nós e nossos filhos, eles, depois das aulas. Nunca antes estivemos tão unidos como família. A cidade nos aceitou como se sempre tivéssemos vivido lá. Zezinho foi convidado até para treinar o time de futebol do lugar e ganhamos o campeonato do interior. Foi aí que o time foi convidado para jogar na capital. Foi até televisionado e foi aí que tudo acabou. Um dia o Presidente do Clube chegou lhe trazendo uma carta, que tinha sido enviada aos cuidados do clube. Eu estava atendendo alguns fregueses e meu marido entrou para casa e foi ler. Logo voltou meio esquisito. Quando perguntei o que tinha acontecido gaguejou uma história qualquer sobre ter sido convidado para dirigir um time maior e logo foi atender fregueses. Não houve jeito de arrancar mais nada dele nem de conseguir ler a carta. Não vou aceitar mesmo, ele dizia. Desde então um bolo se formou em minha garganta. Um bolo que aumentou poucos dias depois quando descobri que ele estava com câncer. A luta para salvá-lo estava sendo inglória e eu estava desesperada. Um dia, sei lá por que razão, talvez a necessidade de me movimentar, fazer alguma coisa, resolvi mexer no armário

de roupas dele. Tirei para fora o velho terno com que nos casáramos e ele nunca mais usara e resolvi levar para tomar sol. Nosso filho ia precisar de um terno no final do ano e achei que com algumas reformas aquele estaria bom. Zezinho dormia calmamente e eu saí do quarto para pendurar o terno no varal. Sei lá por que resolvi revirar os bolsos do avesso e lá estava ela. A carta. Dirigida ao Presidente do time. Com letra de mulher. E ali ela contava tudo. Que o tinha visto pela televisão. Compreendera que era um aviso: a filha deles já estava mocinha e queria muito conhecê-lo. Junto, um retrato das duas. Uma eu reconheci: tinha sido minha amiga, secretária dele por anos, até que um dia pedira demissão, sem mais nem menos. Não sei como voltei para o quarto. Ele já estava acordado. Quando lhe mostrei a carta ele ficou transtornado. Aí, eu piquei a carta em pedacinhos, enquanto ele murmurava o retrato não, o endereço não, posso explicar. Mas eu não quis explicação. Avancei sobre ele com uma correia surrei-o até me prostrar no chão. Ele não disse um ai. Não contou para ninguém. Nunca mais falei com ele, mas continuei a cuidar como se nada tivesse acontecido. Em menos de um mês ele morreu.

E ela, perguntei, o que aconteceu com ela? Minha amiga disse: Pouco depois de um mês ela morreu.

A FLOR ROXA

Ela havia acabado de se mudar. Vida nova, novas esperanças. O passado seria apenas passado. Lembranças das quais tentaria guardar só as boas.

A casa em ordem, colocou um filme e assentou-se diante da televisão. No sofá roxo. Adorava roxo. O ex-marido era tradicionalista. Sofá de couro, requintado. Deixara com ele e comprara o roxo dos seus sonhos. O filme? Encontro Marcado. Só para ver Brad Pitt. Mesmo ele representando a morte. Seria bom ser levada por ele, quando chegasse a hora. Bem velhinha. Ele bateria na porta ela abriria e o encontraria com um buquê de flores roxas, que lhe daria, sorrindo. Então ele a tomaria nos braços e beijaria sua face, que retornaria ao seu período de maior beleza. E os dois iriam juntos para o além.

Cansada, adormeceu e sonhou, com Brad Pitt e ela sobrevoando os espaços atemporais. Um barulho estridente e acordou, atordoada. Na televisão, ruídos, apenas ruídos, o filme havia acabado. Custou a identificar o som que a havia despertado. A campainha tocou e ela acordou de vez. Tinha sido a campainha, pensou. Mas quem? Não dera o seu endereço a ninguém. Seria o ex? Alguém da transportadora? Ou apenas um vizinho? Gritou: já estou indo. Calçou os chinelos e foi. Abriu a porta. Era Brad Pitt com um buquê de flores roxas na mão, sorrindo para ela. Caiu durinha no chão.

TESÃO

Acordou tendo a certeza de que seria o último dia que dormiria naquela cama. Há quantos anos dormia ali, noite após noite, com raríssimas exceções de sonos mal dormidos em outras camas? Vinte e cinco anos. E quantas noites poderiam ser classificadas como noites felizes, manhãs bem acordadas? Não saberia precisar. Não era uma cama de casal assim como sonhara ser um dia, quando a comprara. Era apenas uma cama onde dois desconhecidos dormiam juntos por força do hábito, cada qual se esgueirando noite após noite para a sua beirada, para não encostar um no outro. Mas agora isso ia ter fim. Esta seria a última noite. Esperaria o marido se levantar e ir como de costume para o trabalho. Ficaria ali fingindo dormir, mesmo que ele fizesse todo o barulho possível com o intuito de acordá-la. Dormiria feito pedra até ele sair e depois se levantaria. Calma e tranqüilamente, pela última vez se levantaria e arrumaria a cama. E depois iria até a cozinha tomar pela última vez o café que de má vontade ele teria feito, comer o pão amanhecido com manteiga. Deixaria a cozinha limpíssima, como sempre, depois iria até o banheiro para o último banho e quando saísse dali levaria com ela todos os seus objetos de uso pessoal. Então voltaria ao quarto para arrumar a mala. Não levaria muita coisa, aos poucos já se desfizera de roupas que não usava. Só o essencial, roupas, as poucas jóias que tinha, alguns livros, discos, lembranças dos filhos.

Ah, os filhos! Os filhos não voltariam mais para aquela casa, já tinham saído à procura de seus próprios caminhos. Mesmo assim sabia que seria difícil, eles não compreenderiam. Para eles os pais eram perfeitos e viviam um casamento feliz. Como poderia ela dizer a eles que o casamento tinha acabado mal havia começado? Como dizer a eles que um dia, há muito tempo atrás, mal o último deles acabara de nascer, quando ela se aproximara do marido buscando aconchego ele simplesmente dissera: Desculpe, não sinto mais tesão por você,

não sinto mais tesão por ninguém, e ela fingira acreditar. Humilhada, preferira fingir que tudo era normal. Não questionara, não brigara, não lutara. Então a vida continuou e enquanto o marido florescia, ela murchava. E assim os anos passaram, ela aceitando por achar que era sua obrigação, fingindo acreditar que ele não tinha uma outra vida na rua. A vida parecia normal para todos. Os filhos pareciam felizes, cresciam dentro da normalidade, ele era gentil com ela, nada faltava em casa. Mas à noite, ele sempre buscava o seu lado da cama onde ficava bem longe dela, sempre de costas, fingindo não perceber suas noites de agonia. E assim foi, noite após dia, anos após meses. Ela não engordou nem ficou anoréxica, mas seus olhos perderam o brilho e ela se acostumou a andar pelas ruas de cabeça baixa como se fosse uma aberração da humanidade. Mas, um dia... Ela não se esquece desse dia, embora não saiba explicá-lo. Tinha saído bem cedo, como de costume, ia à feira, como era condizente com seu papel de dona de casa eficiente. Nem havia percebido como estava o tempo, nem que tempo era. Andava olhando os pés como se ali fosse encontrar o segredo da vida. Mal percebeu as rodas metálicas de um carrinho de mão que parava junto dela. Levantou a cabeça quando ouviu a voz: ô dona, é a senhora que tá cheirando bem assim ou é a primavera? O homem ria para ela com sua boca desdentada, o rosto macilento, a barba crescendo desajeitada, as roupas simples mas muito limpas. Conduzia um carrinho onde coletava latas de alumínio descartadas pelos bêbados da noite. Falou, sorriu e continuou o seu caminho, sem dizer mais nada. E pela primeira vez em muito tempo ela continuou o seu percurso de cabeça erguida e sorriso nos olhos.

Seria preciso um bom psicólogo para me explicar isso, pensou enquanto o marido se levantava, fazendo o maior barulho possível, tropeçando nos sapatos, acendendo a luz, resmungando, tudo para fazê-la acordar. Mas ela não acordaria. Continuará ali, fingindo dormir, lembrando do último ano. Não, ela não engordou nem emagreceu, não mudou o jeito de se pentear nem de se vestir. Mas levantou a cabeça e seus olhos voltaram a brilhar. O que está acontecendo com você?, perguntara ele, perguntaram todos. Nada, ela dizia, nada. Ele voltara a procurá-la na cama e ela pudera enfim dizer: eu não sinto mais nenhum tesão por você. Mas não fizera como ele, não mentira, nunca diria não sinto mais tesão por

ninguém porque ela sentia um imenso tesão pela vida e agora estava pronta e preparada para viver.